

> “A vida e o romancista”, um ensaio de Virginia Woolf

> “Life and the novelist”, an essay by Virginia Woolf

por Jessica Wilches Ziegler de Andrade

Mestranda em Literaturas de Língua Inglesa, área de Estudos de Literatura, linha de pesquisa Poéticas da contemporaneidade, do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e-mail: jessicaziegler@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9104-2940>.

> Resenha recebida em 28.02.2022 e aceita em 04.05.2022.

FICHA TÉCNICA DA OBRA

A arte do romance: A vida e o romancista

Virginia Woolf

Tradução de Denise Bottmann

Porto Alegre: L&PM, 2019.

1ª Edição

ISBN: 978-85-254-3756-3

O ensaio “A vida e o romancista”, de Virginia Woolf (V.W.), foi publicado originalmente no New York Herald Tribune, em 7 de novembro de 1926, conforme nota elucidativa da coletânea “A arte e o romance”¹. O ensaio-livro “A vida e o romancista” será apresentado adiante em articulação com fragmentos de outros textos da autora que trazem questões e reflexões atinentes ao tema. A escolha metodológica de conversar o ensaio com trechos de outras obras visa elucidar algumas premissas adotadas por Woolf que podem parecer, em uma leitura corriqueira e superficial, pouco esclarecedoras.

Nos primeiros dez anos de sua carreira, Virginia Woolf (1882-1941) ganhou dinheiro inteiramente do jornalismo que escrevia, em grande parte de forma anônima. Em se tratando de Woolf, a trajetória como ensaísta foi marcada pelo dilema de escrever como arte e da necessidade de escrever como profissão. Não obstante o caráter profissional dos ensaios, Hermione Lee observou que a escritora londrina sempre lutou contra pressões editoriais, adotando estratégias para sua não ficção que refletissem a preocupação em promover um diálogo bidirecional entre leitores e escritores.² Woolf queria fazer da escrita o próprio sustento, mas temia ser considerada uma intelectual inacessível ao público. Recusava-se a meramente reproduzir a tradição ensaística masculina da qual seu pai fazia parte. Apesar de trabalhar em um contexto patriarcal, Virginia Woolf escrevia na voz de uma mulher, promovendo modificações do ensaio na direção narrativa, como um afastamento do estilo analítico adotado pelo pai.³

V.W. inicia o ensaio apontando uma diferença entre o romancista e os demais artistas: “o romancista nunca esquece e raramente se distrai”⁴. Para a

¹ Virginia Woolf, *A arte e o romance*, 2019, p. 85.

² Hermione Lee, *Virginia Woolf's essays*, 2010.

³ Izabel Brandão, *Virginia Woolf and the Essay under Feminist Eyes*, 2012.

⁴ Virginia Woolf, *A arte e o romance*, 2019, p. 85.

autora, na criação de uma obra de arte, dois processos coexistem: o de recolher impressões e o de selecionar, dominar e converter as percepções no *tecido artístico* final. Trata-se da habilidade de reunir sensibilidade e disciplina. Ao criar ficção, um escritor faz escolhas, não significando com isso que deixará de observar o tecido que ficou de fora de sua seleção, nem deixará de ser afetado por ele. Em outras palavras, o romancista, por um lado, manifesta um temperamento receptivo: tudo observa, em tudo reconhece matéria-prima em potencial para sua ficção. Por outro, tem de sustentar o vazio, o silêncio e a angústia no momento da criação, o que não se confunde com isolamento por medo de experienciar a vida.

No referido texto, a ensaísta critica o método imediatista utilizado por Gladys Bronwyn Stern em “A Deputy was a king”. Stern (1890-1973) foi uma escritora londrina contemporânea de Woolf, autora de muitos romances, contos, peças, biografias e ensaios. Sobre o romance, V.W. comenta que as descrições por mais vívidas que pareçam – verdadeiros simulacros de acontecimentos e fatos – não são capazes de conferir algo essencial: a verdade sobre quem são as personagens. “Como se vestiam, o que comiam, as gírias que usavam – sabemos tudo isso, mas não quem eles são”⁵. As cenas replicam o movimento da vida, todavia sugam a força da imaginação do leitor, que por sua vez se vê diante de um emaranhado de qualidades e mais qualidades, sem conseguir capturar a essência das personagens. A destreza, elucidou Woolf, consiste em perceber que conhecer o exterior da época em que se vive (hábitos, roupas, danças, modos de falar etc.) não basta para que se escreva um livro relevante.

Frisa-se que a crítica dirigida a Stern espelha um limite enfrentado pela própria Woolf enquanto romancista. No tocante ao tema, Makiko Minow-Pinkney qualificou a escrita woolfiana como uma constante busca pela essência das personagens, embora, segundo o crítico, a noção de *personalidade* woolfiana não possa ser considerada essencialista. Pinkney esclarece que a busca sempre envolve um senso de impossibilidade de fixar a essência, em razão de não haver uma substancialidade inerente à personalidade.⁶ Ou seja, V.W. estava ciente de que a noção de identidade não é algo estanque, mas um acúmulo e uma simultaneidade de todos os elementos circundantes.

Voltando ao ensaio, é possível inferir da passagem comentada que Woolf se referiu à importância de não emoldurar por completo as imagens na escrita, sob risco de transformar os leitores em meros espectadores destituídos de energia

⁵ Virginia Woolf, *A arte e o romance*, 2019, p. 89-90.

⁶ Makiko Minow-Pinkney, *Virginia Woolf and the Problem of the Subject*, 2010, p. 157.

de cocriação. Essa abordagem sugere o escritor como alguém que traz uma possível visão, não a única visão possível. Por isso, Davi Pinho comparou a imagem a uma visão: “um olhar de/para muitos outros transformado em linguagem”⁷. Segundo Pinho, a imagem escapa da moldura, “é um quadro aberto, como se pudéssemos colar outras telas ao seu lado e continuar o desenho. Ela está parada na frase, ou no quadro, mas se mexe sob o olhar”⁸. Dito de outra forma, o que Woolf parece apontar como essencial em um romance é a capacidade do escritor de deixar em aberto a imagem para que o leitor também possa, através da imaginação, transformá-la. Quando o romancista comete um excesso descritivo, as cenas são passadas aos leitores como um mero filme:

Sentamo-nos receptivos e, mais com os olhos do que com a mente, assistimos, como no cinema, ao que se passa na tela diante de nós. Quando precisamos usar o que aprendemos sobre um dos personagens para auxiliá-lo em alguma crise, percebemos que não temos nenhuma força, não há nenhuma energia a nosso dispor⁹.

Portanto, ela destacou a importância do escritor não se deixar seduzir pelo excesso, a fim de que o leitor não perca o interesse ao longo da extensa narrativa: “A tarefa do escritor é pegar uma coisa e fazer com que represente vinte: é uma tarefa difícil e perigosa, mas só assim o leitor é poupado ao fervilhamento e à confusão da vida e imprime-se com clareza o aspecto específico que o escritor quer que ele veja”¹⁰. De tal sorte, saber solucionar impressões separa um romancista habilidoso de um inexperiente. Este escreve na efervescência dos acontecimentos hodiernos, quase sempre para agradar seus leitores ou, no máximo, para instruí-los. Torna-se um escravo da vida e com isso comete excessos fatais em sua obra. Enquanto aquele, de modo cauteloso, submete seus processos misteriosos ao que verdadeiramente importa ser narrado, buscando compreender a centelha que há em cada frase. Ou seja, o romancista afoito quase sempre é engolido pelo turbilhão da vida e, como consequência, sua obra estará fadada a perder a relevância no decorrer do tempo.

Ao discorrer sobre a difícil tarefa de seleção, Woolf traz à baila dois elementos entrelaçados que merecem especial atenção: o esboço de um romance e a dificuldade dos críticos de apreenderem o que de fato se passou durante o processo criativo.

É tão drástico o processo de seleção que, na fase final, muitas vezes não encontramos vestígios da cena verídica em que o capítulo se baseava. Pois

⁷ Davi Pinho, *Imagens do feminino na obra e vida de Virginia Woolf*, 2015, p. 21.

⁸ Davi Pinho, *Imagens do feminino na obra e vida de Virginia Woolf*, 2015, p. 21.

⁹ Virginia Woolf, *A arte e o romance*, 2019, p. 89.

¹⁰ Virginia Woolf, *A arte e o romance*, 2019, p. 91.

naquele quarto solitário, cuja porta os críticos tentam constantemente abrir, passam-se os mais estranhos processos. A vida é submetida a mil disciplinas e exercícios. É refreada; é morta. É misturada a isso, enrijecida com aquilo, contrastada com aquilo outro; assim, em um ano depois, quando fica pronta nossa cena num café, já desapareceram os sinais superficiais pelos quais nos recordávamos dela. Da bruma emerge algo firme, algo tremendo e resistente, a própria medula em que se sustentava nosso fluxo de emoções indiferenciadas¹¹.

A ensaísta sugere que o labutar de um romancista, além de árduo e solitário, não deixa rastros facilmente mapeáveis para que os críticos possam compreender a imensidão do processo. O rascunho muitas vezes resulta em caminhos totalmente diversos da ideia inicial. Nesse sentido, Virginia Woolf atentou-se bastante ao processo criativo da escrita. Ao longo de mais de vinte e seis anos, escreveu diários e neles comentou sobre os desafios e as expectativas por detrás de suas próprias obras. Jamais saberemos com exatidão se havia nisso alguma intenção de facilitar a entrada dos críticos nos quartos solitários onde teceu sua obra. Perquirir tal fato não se mostra muito proveitoso, mas considerar que havia ali uma intensa preocupação e investigação sobre o mundo interior de um escritor, trata-se de chave indispensável para adentrar o universo woolfiano. Nesse diapasão, importam as seguintes anotações presentes no diário de 19 de dezembro de 1932:

Sinto, pela primeira vez, que não, não posso correr riscos ao atravessar a rua até o livro estar pronto. Serei livre, inteira absoluta e senhora da minha vida no primeiro de Outubro de 1933. Ninguém virá cá nos seus termos ou me arrastará aqui à força para as suas casas segundo eles. Oh, e irei escrever a seguir um livro para poetas. Este, porém, liberta tamanha corrente de factos, que nem eu sabia que os tinha em mim. Devo ter vindo a observar e a colecionar nestes 20 anos – pelo menos, desde Jacob’s Room. Apresenta-se uma tal riqueza de coisas vistas, que nem consigo escolher – daí as 60 000 palavras todas num único parágrafo. O que preciso fazer é manter o controlo; não ser demasiado sarcástica; e manter o mesmo grau de liberdade e de reserva¹².

O relato destacado do diário de Woolf demonstra de um modo imagético o momento de seleção, disciplina e angústia que enfrenta um escritor segundo a análise crítica dela no ensaio “A vida e o romancista”. O trecho exemplifica na prática a máxima de que “um romancista nunca esquece e raramente se distrai”¹³. Evidencia-se na passagem o temor de que as incumbências e interferências do cotidiano pudessem distrai-la do propósito na escrita. Na ocasião, V.W. ocupava-se com um romance até então intitulado “The Pargiters”, mais tarde publicado como “The Years” (“Os Anos”):

E remodelei por inteiro o meu ‘Ensaio’. Será um romance-ensaio intitulado *The Pargiters* – e incluirá tudo, sexo, educação, vida, etc; e chegará, com

¹¹ Virginia Woolf, *A arte e o romance*, 2019, p. 86.

¹² Virginia Woolf, *Diários*, 2018, p. 441-442.

¹³ Virginia Woolf, *A arte e o romance*, 2019, p. 85.

os saltos mais poderosos e ágeis, como uma camurça que atravessa os precipícios, de 1880 até hoje. Em todo caso, é essa a ideia, e desde 10 de Outubro tenho estado numa tal neblina, sonho e embriaguez, declamando frases, observando cenas, enquanto subo a Southampton Row, que mal consigo dizer que tenho estado realmente viva¹⁴.

A romancista quase não se considerava viva de tão imersa em sua criação, embora estivesse, na verdade, tremendamente exposta à vida, como sugeriu nas primeiras linhas do ensaio ora discutido. A Southampton Row representava o quarto fechado, de tal modo que a vida não parava para que Woolf pudesse escrever o que pretendia. Ao contrário, o desafio consistia em estar exposta ao mundo, aos fatos e às sensações, buscando capturá-los e usá-los como recursos na escrita. Não apenas tremendamente exposta à vida, como também à morte. Desse modo, Woolf compôs grande parte da ficção em contextos hostis, a exemplo dos bombardeios durante a Segunda Guerra Mundial, sob o risco de ser morta a qualquer instante.

Em “Cartas a um jovem poeta”, escritas entre 1903 e 1908, Rainer Maria Rilke endereça ao jovem poeta Franz Xaver Kappus conselhos e percepções sobre os caminhos do mundo interior de um escritor. Em uma das cartas, asseverou a importância de se “amar as próprias perguntas como quartos fechados ou livros escritos num idioma muito estrangeiro”¹⁵. Ao explicar que a solidão somos nós, Rilke ratifica a necessidade de suportarmos também o inominável. “Se imaginarmos a existência do indivíduo como um quarto mais ou menos amplo, veremos que a maioria não conhece senão um canto do seu quarto, um vão da janela, uma lista por onde passeiam o tempo todo, para assim possuir certa segurança”¹⁶.

Destarte, a percepção de Rilke parece condizer com a de Woolf, tendo em vista que, para ele, o escritor é quem se apresenta corajoso em face do estranho, evitando o atrofiamento dos sentidos causado por uma defensiva cotidiana. Quem escreve deve, para além do ofício, aprender a viver agarrando-se a tudo que é difícil, como por exemplo à solidão. Assim, no dia seguinte ao Natal de 1908, Rainer Maria Rilke se despediu do amigo poeta concluindo: “A arte também é apenas uma maneira de viver”¹⁷. Tal afirmativa não se mostra meramente poética, mas revela uma indissociável relação entre vida e ficção, como se percebe já no título do ensaio de Woolf. O romancista precisa se expor à vida, ao risco de ser enganado por suas próprias percepções. E, igualmente, não poderá se abster

¹⁴ Virginia Woolf, *Diários*, 2018, p. 441-442.

¹⁵ Rainer Maria Rilke, *Cartas a um jovem poeta*, 2013, p. 38.

¹⁶ Rainer Maria Rilke, *Cartas a um jovem poeta*, 2013, p. 67.

¹⁷ Rainer Maria Rilke, *Cartas a um jovem poeta*, 2013, p. 74.

de, em algum momento, recolher-se sozinho num quarto para experienciar os misteriosos processos de criação.

A metáfora do quarto fechado, como forma de sustentar a solidão e amar as inquietações que surgem no ofício da escrita, foi também trabalhada por Virginia Woolf em outro ensaio: “*A room of one’s own*” (“Um quarto só seu”), resultado de duas apresentações da escritora em 1928 na Newnham e na ODTAA (faculdades para mulheres na Universidade de Cambridge, na Inglaterra). Na ocasião, Woolf alertou jovens universitárias sobre a importância de pensarem estratégias para a superação de barreiras impostas ao trabalho intelectual das mulheres. “*A room of one’s own*” é resultado de uma reflexão acerca da pouca representatividade das mulheres na história da literatura e de um esforço de estabelecer um estilo feminino em épocas nas quais apenas as vozes masculinas ressoavam.¹⁸ Com esse escopo de elucidar a participação feminina na literatura ao longo dos séculos, Woolf demonstrou ter amado as perguntas: “Que efeito a pobreza tem sobre a ficção? Que condições são necessárias para a criação de obras de arte?”¹⁹, “por que algumas mulheres são tão pobres?”²⁰.

Conforme Lee, para se compreender Virginia Woolf como ensaísta é essencial ter em consideração o interesse que ela manifestou na vida e na escrita das mulheres, bem como a paixão que sentia por adentrar o universo doméstico, por recuperar histórias ocultas e conhecer quem eram e como viviam as mulheres que a antecederam.²¹ A síntese de sua colaboração, longamente debatida nos estudos feministas, ainda permanece em pauta: “uma mulher precisa ter dinheiro e um quarto só seu se quiser escrever ficção”²². O teto ou o quarto com tranca representa um espaço de liberdade indispensável sem o qual a arte não sobrevive. Caso contrário, um escritor – sobretudo, quando habita o corpo de uma mulher – apenas reproduziria o modelo vigente, sem qualquer inovação, sem possibilidade de escrever algo capaz de atravessar décadas e séculos.

Ante o exposto, o bom romancista captura as cenas da vida, de modo atento e sensível; observa os fatos. Vai além: experiencia os acontecimentos; coloca-se nos burburinhos do cotidiano, movido pela curiosidade e desprovido, tanto quanto pode, de preconceitos. No primeiro momento, tudo se mostra potencial para a ficção. Adiante, frequentará o lugar solitário onde terá de

¹⁸ Suzanne Raitt, *Virginia Woolf’s early novels: Finding a voice*. 2010, p. 31.

¹⁹ Virginia Woolf, *Um quarto só seu*, 2021, p. 49.

²⁰ Virginia Woolf, *Um quarto só seu*, 2021, p. 53.

²¹ Hermione Lee, *Virginia Woolf’s essays*, 2010, p. 93.

²² Virginia Woolf, *Um quarto só seu*, 2021, p. 18.

trabalhar com o tecido escolhido. As percepções serão introduzidas num quarto fechado e trabalhadas com talento e esforço. Um movimento não está totalmente desvinculado do outro. Não há, por assim dizer, dois momentos cronologicamente apartados, pois o romancista nunca abandona completamente a vida para se trancar num cômodo solitário. Talvez tenha a ilusão de fazê-lo e quase sempre sofre como se assim o fizesse. Sustenta a solidão, a angústia do isolamento. No entanto, continua perceptivo, aberto às cenas da vida, suscetível à derradeira interrupção de seu projeto. Habitante do entrelugar, o artista é alguém que peregrina entre tumulto e solidão.

Referências

BRANDÃO, Izabel de Fátima de Oliveira. Virginia Woolf and the Essay under Feminist Eyes. In: *Litcult*. 2012. Disponível em:

<https://litcult.net/2012/11/06/virginia-woolf-and-the-essay-under-feminist-eyes/>. Acesso em: 02 de out. 2021.

LEE, Hermione. Virginia Woolf's essays. In: SELLERS, Susan (ed.). *The Cambridge Companion to Virginia Woolf*. 2a ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 89-106.

MINOW-PINKNEY, Makiko. *Virginia Woolf and the Problem of the Subject*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.

PINHO, Davi. *Imagens do feminino na obra e vida de Virginia Woolf*. Curitiba: Appris, 2015.

RAITT, Suzanne. Virginia Woolf's early novels: Finding a voice. In: SELLERS, Susan (ed.) *The Cambridge Companion to Virginia Woolf*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 29-48.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Tradução de Paulo Rónai. 4a ed. São Paulo, SP: Globo, 2013.

WOOLF, Virginia. A vida e o romancista. In: WOOLF, Virginia. *A arte do romance*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019. p. 85-94.

WOOLF, Virginia. *Diários*; tradução e notas Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Relógio D’água Editores, 2018.

WOOLF, Virginia. *Um quarto só seu*. Tradução e seleção de textos de Julia Romeu. 1a ed. Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo, 2021.

Referência para citação deste artigo

ANDRADE, Jessica Wilches Ziegler de. “A vida e o romancista”, um ensaio de Virginia Woolf. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 4, número 1, p. 178 – 186, setembro de 2022.